

O coletivo LASTESIS, o *estallido* social chileno e a mobilização em rede nos espaços urbanos e digitais

LASTESIS collective, the Chilean social estallido and network mobilization in urban and digital spaces

Gabriela Traple Wieczorek,¹ UFRGS

Resumo

Este artigo pretende discutir a mobilização em espaços urbanos e, após o início da pandemia do COVID-19 em espaços digitais, articulada pelo coletivo feminista chileno LASTESIS. Criado com a motivação de teatralizar a produção intelectual feminista, o coletivo teve uma de suas performances, *Un violador en tu camino*, difundida de forma viral nas redes sociais durante a onda de protestos contra medidas de austeridade e a favor de uma nova Constituição no Chile, demonstrando a importância de intervenções artísticas politicamente engajadas, e neste caso fortemente influenciadas pelo pensamento feminista decolonial, que potencializam o diálogo e discursos dissonantes ao do Estado sobre questões de violência policial e de gênero.

Palavras-Chave: América Latina; Arte Feminista; Performance.

Abstract

This article intends to discuss mobilization in urban spaces and, after the beginning of the COVID-19 pandemic, in digital spaces, promoted by the Chilean feminist collective LASTESIS. Created with the motivation of theatricalization of intellectual feminist production, the collective had one of its performances, *Un violador en tu camino*, broadcasted in a viral way through social media during the wave of protests against austerity measures and in favor of a new Constitution in Chile. This demonstrated the importance of politically committed artistic interventions. In this case, the intervention was heavily influenced by decolonial feminism, which strengthens the dialogue and the dissonant narratives from those of the State on issues of police brutality and gender violence.

Keywords: Feminist Art; Latin America; Performance.

Introdução

O coletivo chileno LASTESIS foi criado por Sibila Sotomayor, Dafne Valdés, ambas atrizes e professoras, Paula Cometa, diretora de arte, e Lea Cáceres, estilista e figurinista no ano de 2018 em Valparaíso. O projeto inicial consistia em traduzir teses de teóricas feministas para o palco, como uma transferência da teoria para a prática, em formato resumido, com peças de cerca de quinze minutos.

¹ Gabriela Traple Wieczorek é mestranda em História, Teoria e Crítica de Arte pelo PPGAV-UFRGS, é bacharel em História da Arte também pela UFRGS. Pesquisa abordagens de violência de gênero na arte contemporânea, principalmente na América Latina. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Inicialmente, o coletivo trabalhou com *Calibã e a Bruxa*, da filósofa italiana Silvia Federici, e depois com o primeiro ensaio de *Las estructuras elementales de la violencia*, pesquisa da antropóloga argentina Rita Laura Segato sobre a violência sexual como condição necessária para a reprodução do gênero como estrutura hierárquica e colonial e a desmistificação do estupro como sujeito que exerce o ato de estupro motivado pelo prazer sexual.

A partir da leitura de Segato, as integrantes do coletivo realizam pesquisas mais aprofundadas sobre a violência de gênero e a impunidade no Chile, incluindo estupros, feminicídios e os relatos de violência sexual e tortura exercidos pelos carabineros durante a repressão contra as manifestações populares. É importante ressaltar que o coletivo parte de uma lógica interseccional e trans inclusiva, abordando a violência sobre todos os corpos feminilizados e marginalizados, e realizando projetos e intervenções com outros coletivos de mulheres (cis e transgênero) e travestis.

A peça inspirada no pensamento de Rita Segato seria lançada em seu formato original em 24 de outubro, em um teatro universitário, mas, devido à eclosão dos protestos em diversas cidades chilenas no dia 18 de outubro, a estreia foi cancelada.

O estallido

Em outubro de 2019 as manifestações sociais começaram a tomar grandes proporções no Chile, tendo como pauta central o pleito por uma nova constituição nacional, visto que ainda está em vigência no país a Constitución Política de la República de Chile de 1980, oriunda do período da ditadura militar de Augusto Pinochet (1915-2006). Apesar de diversas reformas, um total de 44, a constituição é rejeitada pela população, que vê, através de sua manutenção e da evolução do modelo chileno de reformas econômicas e sociais, uma crescente precarização da saúde, do trabalho e dos direitos civis.

“El octubre chileno” responde a más de 70 años de instalación del neoliberalismo en Chile. Con unos primeros intentos en los años 50 (contratación de la misión Klein Sacks y la formación de los “Chicago Boys”) y su consagración con la dictadura cívico-militar, que la cimentó en la Constitución de 1980. Su éxito radicó en que logró implementar las políticas económicas de achicar el estado (reduciendo el gasto social) y avalar al mercado como regulador de las decisiones sociales (política de privatización), todo ello, sin contrapeso social, neutralizado por la represión política de la dictadura. En concreto, los cambios se tradujeron en la privatización de los servicios como la previsión social, el sistema de salud y de educación. Según consagra la Constitución, estos derechos dependían ahora de la capacidad personal de cada ciudadano/a, quien podía acceder a los servicios que desee,

de acuerdo a su libertad para contratar lo que se ajuste a sus requerimientos. (GISLETTI; MONTERO, 2020, p. 4).²

O *estallido social*, entretanto, também é a culminação de centenas de anos de luta e resistência da população originária no Chile desde que o país foi constituído em 90% do território Mapuche após a Guerra do Arauco (1536-1810), grande parte do território mapuche foi concedido aos colonizadores em prol da agropecuária. Após o golpe militar de 1973 que, com o assassinato do então presidente Salvador Allende (1908-1973), instaura o governo ditatorial de Augusto Pinochet (1915-2006), as concessões de terras à iniciativas estrangeiras de exploração se tornaram numerosas para atender às demandas da lógica neo-liberal instaurada no país.

Durante o processo de democratização, foi aprovada a Lei Indígena de 1993, com o intuito de proibir a venda de terras indígenas para pessoas e iniciativas não indígenas, também foi criado o CONADI, Corporação Nacional de Desenvolvimento Indígena, reunindo algumas das lideranças Mapuche. Entretanto, o processo de democratização da década de noventa se mostra extremamente desigual e o governo não cumpre com as medidas de proteção da terra, nem com políticas de reconhecimento constitucional da cultura e dos povos originários. Até o momento, o Chile é o único país da América Latina a não reconhecer constitucionalmente os povos indígenas, que representam 12,8% da população.³

El caso Ralco fue tal vez el más emblemático. En esta ocasión el gobierno de Eduardo Frei (1994-2000) respaldó la realización de una represa hidroeléctrica a pesar de la oposición directa de las comunidades allí presentes, inundando sus territorios y cementerios para construir el embalse de forma forzosa. Paralelamente, distintos conflictos entre comunidades y empresas forestales ubicadas en el territorio histórico mapuche fueron escalando en intensidad. Estas luchas se fueron convirtiendo en un símbolo potente de resistencia a las grandes inversiones transnacionales con fuerte impacto ambiental en Chile, ubicando a la lucha mapuche a la vanguardia de la resistencia del “modelo chileno” de articulación entre Estado y mercado. El caso Ralco hirió de muerte la legitimidad de la institucionalidad indígena, y los sectores más críticos de la colaboración con los partidos políticos fueron progresivamente ganando peso dentro del movimiento mapuche. Este proceso de autonomización partidaria del movimiento se dio aparejado con una

² Tradução nossa: “O outubro chileno” corresponde a mais de 70 anos de instauração do neoliberalismo no Chile. Com algumas primeiras tentativas nos anos 50 (contratação da missão Klein Sacks e a formação dos “Chicago Boys”) e sua consagração com a ditadura civil-militar, que a cimentou na Constituição de 1980. Seu êxito está no fato de que conseguiu implementar as políticas econômicas para diminuir o estado (reduzindo o gasto social) e garantir o mercado como regulador das decisões sociais (política de privatização), tudo isso, sem contrapeso social, neutralizado através da repressão política da ditadura. Em específico, as mudanças se traduziram na privatização dos serviços como a previdência social, o sistema de saúde e de educação. Segundo a Constituição, esses direitos dependem agora da capacidade pessoal de cada cidadão, que poderia acessar os serviços que deseja, de acordo com sua liberdade para contratar o que se ajuste a suas necessidades (GISLETTI; MONTERO, 2020, p.4).

³ Informações do censo de 2017. Disponível em: <http://www.censo2017.cl/descargas/home/sintesis-de-resultados-censo2017.pdf>

radicalización de las tácticas de protesta de algunas organizaciones y comunidades (ocupación de tierras, incendio de maquinaria forestal, plantaciones forestales, etcétera) y una respuesta represiva excesiva por parte del Estado a través de los sucesivos gobiernos, de centroizquierda o centroderecha. La aplicación de normativas de excepción contra activistas mapuche como la Ley de Seguridad Interior del Estado o la Ley Antiterrorista ha sido criticada, e incluso condenada, por distintos organismos internacionales de derechos humanos y ha llevado a abusos judiciales y policiales de distinto tipo (BIDEGAIN, 2020, s.p).⁴

Com a justificativa da Lei Antiterrorista, a violação de direitos humanos contra jovens mapuche e militantes escala no governo de Sebastián Piñera. Este fator, somado com um sistema de reformas econômicas que privilegia a poucos e para tanto deixa grande parte da população desamparada, expande as mobilizações pelo pleito de uma nova constituição e de uma democracia participativa. Há, também, a questão da instauração de um Estado Plurinacional, que reconheça a diversidade étnica e cultural no país.

Ainda em outubro de 2019, durante as manifestações, a Plaza Itália (cujo nome oficial é Plaza Baquedano em homenagem ao general Manuel Baquedano, comandante do exército no século XIX) no centro de Santiago, se tornou ponto estratégico de organização e conflito. Marcada como a divisa entre os bairros ricos e os bairros pobres da cidade, foi rebatizada como Plaza Dignidad e o monumento militar passou a receber intervenções com cartazes e as bandeiras dos povos mapuche, kawésqar, rapanui, diaguita e aimara.

Un violador en tu camino

Durante o mês de novembro de 2019, a companhia de teatro La Peste⁵ articulou uma série de intervenções nas ruas de Valparaíso. À convite da companhia, as integrantes do

⁴ Tradução nossa: O caso Ralco foi talvez o mais emblemático. Nessa ocasião o governo de Eduardo Frei (1994-2000) apoiou a construção de uma represa hidrelétrica apesar da oposição direta das comunidades locais, inundando seus territórios e cemitérios para construir a represa de maneira forçada. Paralelamente, diferentes conflitos entre comunidades e empresas florestais localizadas no território historicamente mapuche foram escalando em intensidade. Essas lutas foram se convertendo em um símbolo potente de resistência aos grandes investimentos transnacionais com forte impacto ambiental no Chile, localizando a luta mapuche na vanguarda da resistência ao “modelo chileno” de articulação entre Estado e mercado. O caso Ralco feriu de morte a legitimidade da institucionalidade indígena, e os setores mais críticos da colaboração com os partidos políticos foram progressivamente ganhando peso dentro do movimento mapuche. Esse processo de autonomização partidária do movimento se deu junto a uma radicalização das táticas de protesto de algumas organizações e comunidades (ocupação de terras, incêndio de maquinário florestal, plantações florestais, etc) e uma resposta repressiva excessiva por parte do Estado através dos sucessivos governos de centro-esquerda e centro-direita. A aplicação de normas de exceção contra ativistas mapuche como a Lei de Segurança Interior do Estado ou a Lei Antiterrorismo foi criticada, e inclusive condenada, por distintos órgãos internacionais de direitos humanos e resultou em abusos judiciais e policiais diferentes (BIDEGAIN, 2020)

⁵ Companhia de teatro fundada em 1999, batizada em homenagem ao poeta e dramaturgo francês Antonin Artaud (1894-1948) e seu livro canônico O Teatro e seu Duplo (1938).

LASTESIS decidem apresentar um trecho musicado da peça no dia 20 de novembro, com cerca de vinte pessoas⁶ e participação dos habitantes caninos da Plaza Sotomayor.

Mesmo que a ideia inicial do coletivo não tenha sido criar uma performance de protesto, o trecho musicado ultrapassou a proposta da peça original e, em alguns dias, as integrantes receberam convites para coordenar a performance em diferentes cidades chilenas. Após realizar chamadas nas redes sociais, no dia 25 de novembro, Dia Internacional para a Eliminação da Violência contra as Mulheres, *Un Violador en tu camino* é realizada por centenas de pessoas nos arredores da Plaza Dignidad em Santiago.⁷

Com a rapidez da difusão dos vídeos, performances começaram a ser organizadas em outros lugares, como México, Argentina, Colômbia, França, Espanha e Turquia. Ao perceberem a adesão em tantos locais diferentes e a demanda gerada, as integrantes do coletivo decidiram compartilhar a melodia e a letra da música para que todos pudessem inserir e adaptar a performance em seus contextos.

Apesar da adesão em diferentes países e culturas, a performance conta com letras bastante críticas e específicas da cultura chilena, sobretudo em relação ao Estado cada vez mais militarizado e permissivo com a conduta de violações de direitos humanos perpetrada pela instituição dos Carabineiros. As vendas e os agachamentos que fazem parte da coreografia remetem ao abuso perpetrado pelos policiais desde o período da ditadura. Uma das estrofes do hino da corporação foi incluída na música: *Duerme tranquila, niña inocente, sin preocuparte del bandolero, que por tu sueño dulce y sonriente vela tu amante carabinero.*⁸

Finalmente, la letra incluye un análisis del discurso del propio himno de Carabineros de Chile, que establece, sin ninguna metáfora, el lugar de las mujeres en la sociedad: pasiva, frágil y dispuesta al “amor”. Todo lo contrario de una mujer feminista. De una mujer en la protesta y en la marcha. Todas ellas desobedientes del mandato patriarcal merecerían, según ese himno, el castigo por no quedarse tranquilas en su hogar (GISLETTI; MONTERO, 2020, p.7).⁹

Enquanto manifestantes faziam ecoar as críticas sobre a corporação policial que pouco mudou sua forma de operar após o final da ditadura, as forças de ordem respondiam com

⁶ Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9sbcU0pmViM&t=4s>

⁷ Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aB7r6hdo3W4>

⁸ Tradução nossa: Durma tranquila, menina inocente, sem se preocupar com o bandoleiro, que por teu sonho doce e sorridente vela teu amante carabineiro.

⁹ Tradução nossa: Finalmente, a letra inclui uma análise do discurso do próprio hino dos Carabineiros do Chile, que estabelece, sem nenhuma metáfora, o lugar das mulheres na sociedade: passiva, frágil e disposta ao “amor”. Tudo contrário a uma mulher feminista. De uma mulher no protesto e na marcha. Todas aquelas desobedientes ao mandato patriarcal mereceriam, segundo o hino, o castigo por não ficarem sossegadas em seus lares (GISLETTI; MONTERO, 2020, p.7).

violência extrema. Em cinco meses de manifestações foram contabilizadas 36 mortes, 11.564 feridos e diversos registros, a maioria em vídeos difundidos pela população nas redes sociais, de prisões ilegais, tortura, violência sexual e desaparecimentos.

A la alegría por el estallido que nos hizo sentir vivos, que la comunidad no estaba perdida, se le sumó la angustia, el dolor y la rabia por otro capítulo de violaciones a los Derechos Humanos. El movimiento feminista que salió a las calles a protestar, también condenó esta violencia y particularmente el ensañamiento contra las mujeres, que, probado está, frente a una misma situación de detención, hombres y mujeres han recibido trato diferenciado. Las mujeres y personas de las disidencias han sido violentadas sexualmente en su mayoría. ¿Por qué se castiga especialmente a les hijes rebeldes de este Chile despierto? (GISLETTI; MONTERO, 2020, p. 5).¹⁰

No dia 4 de dezembro, ainda em 2019, milhares de mulheres atenderam à chamada para realizar a performance em frente ao Estádio Nacional do Chile. Intitulada *LASTESIS Sênior*,¹¹ a iniciativa encabeçada por mulheres da faixa etária acima de 40 anos, reuniu aqueles que viveram a ditadura para manifestar-se em frente ao local que serviu como um dos principais centros de detenção e tortura nos primeiros meses do período de repressão. Na mesma semana, mulheres mapuche em Santiago e Temuco, capital da região de Araucanía, realizaram a performance *KIÑE NÜNTUKAFE TAMI RÜPÜ MEW*,¹² com a letra de *Un violador en tu camino* adaptada para o mapudungún, idioma mapuche.

Esse deslocamento entre a performance e o coletivo que a originou é um aspecto notável, demonstra que as articulações feministas de produção artística e epistêmica em rede são mais importantes de serem destacadas do que questões de autoria, ainda que a mídia e a Academia insistam em reforçar este último aspecto. Há, ainda, o fator da escuta e da inclusão de diferentes experiências de vida heterogêneas em processos artísticos colaborativos que se aproximam ou se relacionam de forma mais estreita com movimentos sociais:

A maioria das feministas pós-coloniais, tanto na região como fora, estão inseridas em espaços acadêmicos que, embora sejam espaços de disputas políticas, pouco se envolvem em movimentos sociais. Isso limita as possibilidades de descolonização do saber, já que não há o reconhecimento de categorias, conceitos e epistemes que surgem nas práticas políticas produzidas por muitas mulheres – sem privilégios de raça, classe, sexualidade e geopolítica – em suas comunidades. E, sobretudo, não é possível ancorar as

¹⁰ Tradução nossa: À alegria pela eclosão que nos fez sentir vivos, que a comunidade não estava perdida, foi somada a angústia, a dor e a raiva por outro capítulo de violações aos Direitos Humanos. O movimento feminista que saiu às ruas a protestar também condenou essa violência e, particularmente, o enfurecimento contra as mulheres que, comprovadamente, diante de uma mesma situação de detenção receberam tratamento diferente dos homens. As mulheres e pessoas das dissidências foram, em sua maioria, violentadas sexualmente. Por que se castiga especialmente os filhas rebeldes deste Chile desperto? (GISLETTI; MONTERO, 2020, p.5).

¹¹ Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P4oRyzKOIMI&t=17s>

¹² Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gYI-hZhoRik>

análises produzidas nas realidades materiais e nas lutas concretas que são travadas em diferentes lugares. Assim como aconteceu com a proposta pós-colonial como um todo, muitas vezes as análises feministas pós-coloniais permanecem em um giro linguístico pós-estruturalista, que, ainda que abra portas para “outras” interpretações, reproduz a colonialidade discursiva do saber (CURIEL, 2020, p. 145).

Com o início das medidas de isolamento em função da epidemia do coronavírus no Chile, o governo intensificou os toques de recolher, e desacelerou os procedimentos para criar uma nova constituinte. O plebiscito foi realizado apenas em 25 de outubro de 2020, com 78% dos votos favoráveis à uma nova constituição. O atual governo também fez esforços para diminuir a equidade na nova assembleia constituinte, reduzindo de 28 para 15 assentos, de um total de 155, para lideranças indígenas, rejeitando lideranças afro-chilenas e não deixando claro quantas mulheres estarão envolvidas.

Mobilizações em isolamento

Durante o período de isolamento que se iniciou em março de 2020, as desigualdades se intensificaram. O toque de recolher imposto pelo governo resultou em prisões de trabalhadores, essenciais e que não possuem o privilégio de um home office, e novos casos de violência policial. Logo, novas manifestações foram organizadas.

É também em 2020 que os Carabineiros do Chile iniciam um processo judicial contra o LASTESIS alegando que o coletivo intencionalmente incitou atos de violência contra a corporação. As integrantes do coletivo passaram a receber ameaças de morte. As performances participativas e conversas online promovidas pelo grupo como forma de articulação e manutenção das mobilizações perante à exigência de isolamento começaram a ser invadidas por hackers que transmitiam imagens escatológicas, de violência, tortura e morte. O mesmo ocorreu com reuniões de diversos grupos feministas e com aulas de diferentes universidades, não apenas no Chile, demonstrando que o embate nos espaços digitais, por vezes, ocorre de forma mais unilateral devido ao caráter híbrido desse não-lugar que borra os limites entre o público e o privado.

Esta superação de barreiras espaciais também ocasionou, por outro lado, a multiplicação dos “não-lugares”, espaços que são subsídios a esta aceleração do fluxo. Estes não-lugares abarcam não só certos tipos de espaços - eminentemente voltados para o traslado, a passagem, o consumo efêmero - como também as relações de uso neles mantidas: “o espaço do não-lugar não cria identidade singular nem relação, mas solidão e similitude” (Augé, 1994: 95). A esta superabundância espacial da atualidade corresponde uma superabundância de espaços não identitários, não-históricos, espaços lisos, da

desterritorialização, voltados às urgências do presente (PALLAMIN, 2000, p. 67).

Apesar de ser um meio eficiente de difusão — e aqui destaco o trabalho realizado pela Red Mujeres Mapuche, que intensificou a presença digital durante as manifestações de 2019 e hoje mescla iniciativas online e presenciais — há uma certa latência em mobilizações realizadas apenas no ambiente virtual. Resumir-se a esse espaço, mesmo em um momento tão crítico quanto o da pandemia, é um comportamento embasado por privilégios. Assim como os direitos provenientes de uma democratização realizada em conjunto com o desenvolvimento de um projeto neoliberal pautado pelo individualismo, a questão do acesso aqui é a chave.

Em meio aos espaços públicos, as práticas artísticas são apresentação e representação dos imaginários sociais. Evocam e produzem memória podendo, potencialmente, ser um caminho contrário ao aniquilamento de referências individuais e coletivas, à expropriação de sentido, à amnésia cidadina promovida por um presente produtivista. É nestes termos que, influenciando a qualificação de espaços públicos, a arte urbana pode ser também um agente de memória política (PALLAMIN, 2000, p. 57).

Após um ano de escaladas autoritárias do governo, em 25 de novembro de 2020, uma parceria entre LASTESIS e DelightLab, coletivo que realiza projeções de protesto nas fachadas dos prédios chilenos¹³ retorna com a performance *Un violador en tu camino* à Plaza Dignidad, agora com o apoio da Galería Cima e do Instituto Goethe e manifestantes contra os cortes orçamentários na cultura.

Conclusão

Considerando os aspectos constitutivos do *estallido social* chileno de 2019 e da pesquisa do coletivo LASTESIS, é imprescindível pensar esses fenômenos através do prisma da teoria feminista decolonial produzida na América Latina, já que ambas as iniciativas são fortemente informadas por experiências de vida marginalizadas e silenciadas, e podem ser interpretadas como pontos de convergência e produção de desdobramentos entre saberes acadêmicos e comunitários.

Resgato a recente fala de Ochy Curiel no seminário *El feminismo decolonial: fuentes, aportes y debates*, promovido pela Universidade de Baltimore em fevereiro de 2021.¹⁴ Curiel ressalta o legado da ativista hondurenha Berta Cáceres (1973-2006) e a articulação comunitária como fator essencial para avançar qualquer pauta, além de discorrer sobre os processos

¹³ Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7xqwy3ELlBY>

¹⁴ Vídeo disponibilizado aos participantes sob demanda.

revisionais do feminismo decolonial, e a restauração da dignidade individual subjetiva, mas também da dignidade coletiva que abarca as diferenças — pensar em feminismos — para além da produção de conhecimento acadêmico, enfatizando a prática política não separatista e não essencialista. O separatismo e o essencialismo do feminismo branco, e majoritariamente europeu, assimilado na América Latina também pode ser visto como um fator do colonialismo assim como o feminismo liberal individualista. Há a necessidade e a urgência de reivindicar o que Curiel, em *Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial*, denomina de reconhecimento e legitimação de “outros” saberes subalternizados.

Esse aspecto começa com o reconhecimento dos pontos de vista produzidos a partir das experiências vividas e que contribuem com a proposição de mundos mais justos e humanos, fora da matriz liberal/colonial. Eles não podem ser insumos para limpar culpas epistemológicas, menos ainda apenas uma questão de citar feministas negras, indígenas, empobrecidas para dar um toque crítico às pesquisas e aos conhecimentos e pensamentos produzidos. Trata-se de identificar conceitos, categorias, teorias, que emergem das experiências subalternizadas, que geralmente são produzidos coletivamente, que têm a possibilidade de generalizar sem universalizar, de explicar realidades diferentes contribuindo com o rompimento da ideia de que esses conhecimentos são locais, individuais e incomunicáveis (CURIEL, 2020, p. 156).

Pensando em processos coletivos de intervenções artísticas também como processos de comunhão, o espaço urbano como o meio natural de revoltas sociais a partir da modernidade (KOZLOWSKI, 2008, p.18) e a rua como local de intercâmbio, debate e difusão de conhecimento (FREYBERGER, 2008), as iniciativas mencionadas neste artigo fazem parte de um movimento de deslocamento da produção a partir de um local de privilégio epistemológico, a Universidade, para uma produção em rede que preze pela articulação e prática comunitária.

Fontes

Observatorio Jurídico de Género. Colectivo LASTESIS: **El violador eres tu, entre la representación artística y la denuncia**. Cidade do México: UNAM, nov. 2020. Disponível em: <https://fb.watch/3SuGQfckF9/>. Acessado em 16/06/2021.

Referências Bibliográficas

BIDEGAIN, Germán. La histórica resistencia mapuche en Chile y el estallido social actual. **La Diaria**, agosto de 2020. Disponível em: <https://ladiaria.com.uy/chile/articulo/2020/8/la-historica-resistencia-mapuche-en-chile-y-el-estallido-social-actual/>. Acessado em 17/06/2021.

CURIEL, Ochy. Construindo metodologias feministas a partir do feminismo decolonial. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 140-161.

FREYBERGER, Gisele. El arte necesario: intervenciones artísticas efímeras en espacios

públicos. Diez años de cambios en el Mundo, en la Geografía y en las Ciencias Sociales, 1999-2008. *Actas del X Coloquio Internacional de Geocrítica*. Barcelona: Universidad de Barcelona, 26-30 de maio de 2008. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/-xcol/202.htm>. Acessado em 18/06/2021.

GISLETTI, M.; MONTERO, C. El octubre chileno: voces y luchas feministas. **Descentrada**. La Plata: FAHCE, v. 4, n. 1, maço. 2020. Disponível em: <https://www.descentrada.fahce.unlp.edu.ar/article/view/DESe111>. Acessado em 17/06/2021.

KOZLOWSKI, Michal. Sous le pavé la plage ou la Beauté est dans la rue. **Variations**. Paris: Les amis de Variations, n.11, 2008. Disponível em: <http://journals.openedition.org/variations/256>. Acessado em 17/06/2021.

MIÑOSO, Yuderkys Espinosa ET AL. **Tejiendo de otro modo**: Feminismo, epistemología y apuestas descoloniales en Abya Yala. Popayán: Editorial Universidad del Cauca, 2014.

PALLAMIN, Vera M. **Arte urbana**: São Paulo: Região Central (1945-1998) obras de caráter temporário e permanente. São Paulo: ANNABLUME, FAPESP, 2000.